

# José de Alencar

Posted on **January 01, 1970** by **Jaqueline Aragão Cordeiro**

José Martiniano de Alencar (Fortaleza, 1 de maio de 1829 — Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1877) foi um jornalista, político, advogado, orador, crítico, cronista, polemista, romancista e dramaturgo brasileiro.

Formou-se em Direito, iniciando-se na atividade literária no Correio Mercantil e Diário do Rio de Janeiro. Foi casado com Ana Cochrane. Filho do senador José Martiniano Pereira de Alencar, irmão do diplomata Leonel Martiniano de Alencar, barão de Alencar, e pai de Augusto Cochrane de Alencar.

Nasceu em Messejana, na época um município vizinho a Fortaleza. A família transferiu-se para a capital do Império do Brasil, Rio de Janeiro, e José de Alencar, então com onze anos, foi matriculado no Colégio de Instrução Elementar. Em 1844, matriculou-se nos cursos preparatórios à Faculdade de Direito de São Paulo, começando o curso de Direito em 1846. Fundou, na época, a revista *Ensaio Literário*, onde publicou o artigo *questões de estilo*. Formou-se em direito, em 1850, e, em 1854, estreou como folhetinista no *Correio Mercantil*. Em 1856 publica o primeiro romance, *Cinco Minutos*, seguido de *A Viuvinha* em 1857. Mas é com *O Guarani* em (1857) que alcançará notoriedade. Estes romances foram publicados todos em jornais e só depois em livros.

José de Alencar foi mais longe nos romances que completam a trilogia indigenista: *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874). O primeiro, epopeia sobre a origem do Ceará, tem como personagem principal a índia Iracema, a "virgem dos lábios de mel" e "cabelos tão escuros como a asa da graúna". O segundo tem por personagem Ubirajara, valente guerreiro indígena que durante a história cresce em direção à maturidade.



Em 1859, tornou-se chefe da Secretaria do Ministério da Justiça, sendo depois consultor do mesmo. Em 1860 ingressou na política, como deputado estadual do Ceará, sempre aliado pelo Partido Conservador (Brasil Império). Em 1868, tornou-se ministro da Justiça, e, em 1869, candidato ao Senado do Império pelo Imperador D. Pedro II do Brasil não o escolhido por ser muito jovem ainda. Em 1877 ocupou um ministério no governo do Império, o Ministério da Justiça. Em 1872 se tornou pai de Mário de Alencar, o qual, segundo uma *Visão do Brasil* de Machado de Assis, se tornou o modelo de Machado de Assis, dando respaldo para o romance *Dom Casmurro*. [1] Viajou pela Europa em 1877 para tentar um tratamento médico, porém não teve sucesso. Faleceu no Rio de Janeiro no mesmo ano, vítima da tuberculose. Machado de Assis, que esteve no velório de Alencar, impressionou-se com a pobreza em que a família Alencar vivia.

Produziu também romances urbanos: *Santana* (1875), *Encarnação*, escrito em 1877, ano de sua morte e divulgado em 1893), regionalistas (*O Gaúcho* (1874), *Sorralha* (1875)) e históricos (*Os Mancebos*, 1873), além de peças para o teatro. Uma característica marcante de sua obra é o nacionalismo, tanto nos temas quanto nas inovações no uso da língua portuguesa. Em um momento de consolidação da independência, Alencar representou um dos mais sinceros esforços patrióticos em povoar o Brasil com conhecimento e cultura próprios, em construir novos caminhos para a literatura no país. Em sua homenagem foi erguida uma estátua no Rio de Janeiro e um teatro em fortaleza chamado "Teatro José de Alencar".

Um fato que não pode passar despercebido na história, é o posicionamento de José de Alencar perante a situação da seca de 1877/1880 que assolava o Ceará. Veja trecho do dossiê do Prof. Frederico de Castro Neves (Professor de história da UFC): "A sensação de uma riqueza duradoura e segura, produzida sob a direção de uma camada de proprietários herdeiros diretos dos colonizadores brancos, parecia configurar a percepção de um mundo rural rico, estável, permanente, imemorial, ancorado nas características da terra e da natureza, que, apesar dos pesares, nunca deixa de oferecer aos que trabalham um punhado de suas riquezas. Há, assim, um vínculo poderoso entre as relações sociais estabelecidas no sertão e as possibilidades oferecidas pela natureza, identificando umas com as outras de tal forma que as rupturas só poderiam ser pensadas em função da quebra de um ciclo natural, o que efetivamente ocorre em 1877, com a seca. Somente após esta data, portanto, o sertão aparece como "hostil" ou "inóspito", palco ressequido de uma vida de sofrimentos e resignação. Mas essa "quebra" não estava no horizonte de pensamento de Alencar. Ao contrário, sua atuação parlamentar nesse período, como deputado conservador, ficou marcada pela negação da seca e, portanto, pelo combate à liberação de verbas da rubrica "socorros públicos" para as províncias afetadas." (Pag. 87/88) Veja dossiê completo aqui

Jaqueline Aragão Cordeiro

Posted in: *Personalidades Cearenses* | | *With 0 comments*

---